

## Alexandria, Revendo a(s) ‘Cidade’(s) de Kavafis

Mário Avelar  
Professor na Universidade Aberta

**Resumo:** Este artigo trata das relações de Kavafis, Forster e Durell com a cidade de Alexandria, fazendo comparações entre vários poemas e várias traduções dos mesmos.

**Abstract:** This article deals with the relations by Kavafis, Forster and Durell with the City of Alexandria, making comparisons between various poems and various translations.

**Palavras Chave:** Kavafis, Forster, Durell, Alexandria, Poesia, Tradução

Ao serviço da Cruz Vermelha, E. M. Forster chegou a Alexandria no início da Primeira Guerra Mundial, a 20 de Novembro de 1915. Aportara em Port Said, tendo alcançado Alexandria de comboio, via Zagzig e Tanta, percorrendo o delta do Nilo. Apaixonado pela Índia, e desejoso de conhecer o Egipto, a sua primeira reacção foi, todavia, de desapontamento: afinal, tudo aquilo se assemelhava aos subúrbios de Cambridge. Para ele, o Egipto ficaria sempre aquém da Índia.

Em Alexandria aguardá-lo-ia, porém, uma intensa actividade cosmopolita. Após a construção do canal de Mahmoudiya, por Mohammed Ali, em 1820, o interior do Egipto ganhara acesso ao mar, e Alexandria expandiu-se, reformulando a sua identidade. Transformada no maior porto do Mediterrâneo, a cidade acolheu significativas comunidades gregas, italianas, judaicas, inglesas, sírio-libanesas, francesas, cipriotas, russas, persas, búlgaras, e arménias, tendo alcançado, no

final da Primeira Guerra, uma população de meio milhão de habitantes. Também no plano religioso a diversidade imperava. A par da população muçulmana, as comunidades cristãs dividiam-se pelas igrejas grega ortodoxa, síria-grega ortodoxa, copta ortodoxa, arménia, católica romana, maronita, católica grega, copta católica, católica arménia, caldeia católica, presbiteriana, anglicana. A comunidade judaica atingiria os 25 mil membros no final da Guerra; na sua maioria era composta por egípcios, incluindo ainda um número significativo de italianos, judeus sefarditas de Alexandria, franceses e ingleses.

E, todavia, apesar do impressionante aumento de população, das mudanças arquitectónicas, da rasura dos vestígios monumentais do passado, na sua essência, a cidade persistia, no início do século XX, com uma traça idêntica àquela que um dia Alexandre terá delineado com os dedos no solo.

Esta era, com efeito, a cidade fundada por Alexandre devido a um sonho. Segundo Plutarco, o jovem imperador para ali teria sido impelido por um sonho no qual um ancião lhe recitara os versos do livro IV da *Odisseia*, em que Homero evoca a ilha de Faros. Esta era a cidade de Ptolomeu; a cidade de António e Cleópatra; do *Gymnasium*, do Mausoléu de Alexandre, do Farol (uma das perdas sete maravilhas); da famosa biblioteca, o *Brucheion*. A cidade em que o pensamento judaico dialogara com as tradições esotéricas. Resíduo de sonhos e utopias, palimpsesto da história, Alexandria persistiu, para os escritores maiores que no século XX ali viveram, como a cidade da memória; a cidade e a memória onde se projectam e confluem ansiedades e idiosincrasias; «three thousand years of experience in which Greek cities and kingdoms and empires and dreams have fallen again and again to ironies of history.» (Haag, 2004. p. 47) Cidade e a memória como se indicia no título que Lawrence Durrell escolheu para uma colectânea de poemas aí escritos, *Personal Landscape*. Cidade e a memória como se explicita na abordagem que E. M. Forster lhe dedicou, *Alexandria: a History and a Guide*. Ou ainda a cidade como palimpsesto sintetizado nas palavras de Robert Lesveque, «Fief ancien de Protée, le sol d'Alexandrie est fertile en mirages, en métamorphoses, et le pavé de ville moderne est aujourd'hui battu par un flot de flâneurs, [...], jeune posterité de races millénaires. Ici l'Asie et l'Afrique se mêlent, s'épousent et se proposent. Naguère hellénisées para Alexandre, ces races délaissées attendaient une main qui de nouveau les rassemblât. ...» (Cattai, 1964, p. 15) O que nos remete para Kavafis.

Ainda em 1915, ou talvez já em 1916, a memória traía já o autor de *Passage to India*, E. M. Forster conheceu Konstandinos Kavafis. Este vivia desde 1907 no segundo andar do N° 10 da Rua Lepsius, microcosmo onde o

«Alexandria, revendo a(s) 'Cidade(s)' de Kavafis

seu quotidiano se circunscrevia. «Onde poderia eu viver melhor?» Confidenciou um dia. «No andar por de baixo do meu, o bordel trata da carne. Do outro lado da rua há a igreja que perdoa os pecados. E depois, mais adiante, há o hospital, onde morremos.» Disse «circunscrevia», no entanto, a palavra que escolhi não reproduz a verdadeira experiência do quotidiano do poeta, já que a história da cidade se tornou o verdadeiro repositório da experiência que os seus poemas verbalizaram. O valioso prefácio à obra do poeta feito pelo seu introdutor em Portugal, Jorge de Sena, em *90 e mais quatro poemas*, assim como as notas que os acompanham, explicitam este impacto da História e a sua convocação para o quotidiano.

No ano passado, Michael Haag publicou *Alexandria – City of Memory*, um livro fascinante sobre Alexandria, a qual surge aqui desvendada através do olhar dos três escritores acima referidos, Konstandinos Kavafis, E. M. Forster e Lawrence Durrell, e das personagens que percorrem os seus poemas e as suas narrativas. Para abrir o prólogo, cuja designação, «Capital of Memory», revê, enfatizando, o próprio título da obra, o autor escolheu alguns versos de «The City», um poema de Kavafis, traduzido por Lawrence Durrell, o qual o escolhera, aliás, para encerrar *Justine*, a primeira narrativa da tetralogia *The Alexandria Quartet*. Sobre esta tetralogia confidenciou Durrell ao seu amigo Henry Miller: «It's a sort of prose poem to one of the great capitals of the heart, the Capital of Memory, and it carries a series of sharp cartoons of the women of Alexandria, certainly the loveliest and most world-weary women in the world.» (*Ibidem*, p.1) Alexandria, ainda e sempre, a cidade da memória.

É através da língua inglesa que a obra de Kavafis será divulgada para além desta cidade. E isso deve-se, desde logo, a Forster. Apesar das adversidades da guerra, o encontro com o poeta grego surgia, para ele, como uma recompensa suficiente: «I often think of my good fortune and the opportunity, which the chance of a horrible war gave me, to meet one of the great poets of our time.» (*Ibidem*, p. 28) Mas este encontro seria, também, obviamente, valioso para a «descoberta» de Kavafis para além do espaço dos falantes do grego, embora Forster, decorosamente, tenha apenas declarado: «I did a little to spread his fame. It was about the best thing I did.» (*Ibidem*, p. 4)

Curiosamente, Kavafis afirmara um dia a Forster: «You could never understand my poetry, my dear Forster, never.» (*Ibidem*, p. 44) Ora, foi na já mencionada Rua Lepsius que Forster pela primeira vez ouviu «The God Abandons Antony», na versão de Sena «O Deus abandona Marco António». E aí nasceu a versão de Forster. Eis a narrativa do episódio a partir do ponto de vista do

escritor inglês: «[...] a poem is produced — “The God Abandons Antony” — and I detect some coincidences between its Greek and public-school Greek.»  
Perante a tradução de Forster, terá, então, afirmado o poeta: «Oh, but this is good, my dear Forster, this is very good indeed.» (*Ibidem*, p. 45)

A poesia de Kavafis entronca numa tradição dramática, a qual, refira-se, é particularmente relevante na poesia anglo-saxónica. De lembrar que, na sua juventude, o poeta vivera em Inglaterra, tendo guardado, para o resto da vida, o sotaque inglês. De língua inglesa seriam igualmente, na maioria, os seus escritores preferidos: Shelley (que traduziu), Emerson, Samuel Butler, D. H. Lawrence, Virginia Woolf, James Joyce, Walter de la Mare, A. Huxley, T. S. Eliot e Ezra Pound. Três vertentes se destacam nessa tradição da poesia dramática: em primeiro lugar, a construção de *personae*, quer sejam estas personagens emergentes, recuperadas, da História, personagens relevantes e que tiveram uma existência efectiva, quer sejam estas fictícias; em segundo lugar, a função da *persona* como correlativo, máscara onde eventualmente se insinua um *alterego* do autor; em terceiro lugar, a discursividade declarativa que caracteriza a enunciação e que simula a sobreposição do discurso poético ao discurso coloquial do quotidiano. Se as duas primeiras vertentes são importantes para leituras do poema, porventura ecoando no processo de transferência do texto para uma língua de chegada, já esta última se torna central nesse processo. Daí que seja de destacar a recepção entusiástica de Kavafis à versão forsteriana («Oh, but this is good, my dear Forster, this is very good indeed»), e também o reconhecimento, por parte do escritor inglês, de um registo coloquial no texto original («I detect some coincidences between its Greek and public-school Greek.»).

Embora não participando da tradição dramática predominante em alguns dos mais intensos momentos da sua poesia, escolhi «The City» para explorar as questões que se podem colocar neste processo de transposição quando do registo coloquial do quotidiano e da tradição dramática se trata. Sena exclui este poema da sua antologia feita a partir de outras traduções [inglesa, francesa, alemã e italiana (Sena, 1969, p. 12)]. Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis abrem, porém, a sua versão dos poemas de Kavafis, *Poemas e Prosas*, com «A Cidade». Na Nota Introdutória, ao definirem os «critérios de tradução, referem que mantiveram «todas as rimas finais e o maior número possível de rimas interiores ou aliteraões», e que procuraram «sempre manter a ordem sintáctica, excepto nos casos em que o português, por não possuir declinações, deixaria de fazer sentido, ou nos casos em que [preferiram] rimas rigorosas, ou naqueles

em que [tiveram] de evitar cacofonias.» (Magalhães e Pratsinis, 1994, p 20) De igual modo, a «pontuação», mesmo quando pareça estranha ao leitor, é sempre a pontuação de Kavafis, a qual surge nos mesmos passos como estranha ao leitor grego habituado a uma língua padrão.» (*Ibidem*) Com efeito, à semelhança da *Celtic Revival* de Yeats ou das inovações prosódicas de Eliot que pretendiam conceber um idioma poético onde as linguagens do passado (a tradição, a herança narrativa mítica) e as do presente (nomeadamente os registos do quotidiano) se fundem, também Kavafis tentará elaborar um registo poético onde passado e presente, história e contemporaneidade, erudição e coloquialidade, «os dois níveis opostos, e muito fascinantes no autor, do prosaísmo quotidianizante e do erudito, muitas vezes arcaizante» (*Ibidem*), se mesclam. Refere a este respeito Georges Cattai: «tout en explorant les virtualités les plus rares de la langue grecque en ses métamorphoses successives, il ne néglige point les ressources d'une simplicité directe, breve et surprenante. À une possession profonde, et comme organique, des fonctions de la syntaxe, il joint le gout de l'enchaînement des formes, la conscience des valeurs et des articulations de la langue, enfin le sentiment des accents, des timbres, des poids, de la musique et du nombre des mots, si bien qu'en ses imitations originales, il s'assimile la substance des oeuvres antiques.» (Cattai, 1964, pp. 47-48) Daí que Kavafis tivesse o hábito de ler os seus poemas em voz alta aos seus amigos para assim ter consciência da sua inteligibilidade; daí a opção de Magalhães e Pratsinis.

Referi que na língua inglesa se encontram as versões primeiras desta poesia, as quais desde logo revelam uma estratégia específica, não coincidente, aliás, com a de Marguerite Yourcenar; como ela própria afirma: «Je suis terriblement sensible au danger de prolonger indûment la vibration, comme le font, il me semble, les meilleurs traducteurs anglais, toujours romantiques, ou de tomber dans les grandes formes faciles et un peu soufflées de la phrase baroque, comme le font les italiens.» (*Ibidem*, 90)

Observemos, então, alguns exemplos de traduções inglesas de «The City» (cf Anexo). Por uma questão de operacionalidade, restringir-me-ei aos primeiros versos, embora a primeira questão que se coloque, decorra do título. De facto, a versão deste poema levada a cabo por Mavrogordato, na qual Durrell se inspiraria, intitula-se «The Town», e não «The City». Trata-se de uma diferença semântica de grau que sabota a carga histórica e cultural inerente a este signo helénico, tal como o entende Kavafis, e os escritores ingleses com quem privou e que eu acima sintetizei. O segundo aspecto a reter, logo no primeiro verso, prende-se com a transição da frase inicial para a sua subordinada: «You said I'll

go to another land, to other seaways wandering». Ao atribuir a enunciação a uma outra voz, o poeta introduz uma dimensão dramática, à semelhança do poema intitulado «Ozymandias», do escritor romântico inglês P. B. Shelley, «I met a traveller from an antique land / Who said:» A inexistência dos dois pontos, indicia, porém, um monólogo, e, conseqüentemente, o discurso indirecto livre; no limite, esse monólogo poderá ser interior. Dir-se-á que estou a extrapolar; no entanto, ao observarmos a versão de Durrell, inspirada na de Mavrogordato, como já referi, constatamos que esta última dimensão predomina: «You tell yourself I'll be gone / To some other land, some other sea». Como se constata, a frase introdutória «You said», que pressupõe uma elocução oral, eventualmente a existência de um destinatário outro que não o sujeito, é substituída pela elocução da subjectividade intimista, «You tell yourself». Por seu turno, a tradução de Babel Fish, também intitulada «The City», revela uma versão que reproduz maior proximidade com o original grego: «You said; 'I'll go away to another land, I'll go away to another sea'». Para além de preservar a frase introdutória, devidamente destacada da sua subordinada, esta versão preserva a estrutura anafórica à qual corresponde, também, um ritmo, uma cadência interior muito concreta: «I'll go away [...], I'll go away». Este ritmo, de alguma forma, era indiciado nas outras versões: na de Durrell a anáfora era explícita, mas recaía no espaço, «some other [...] some other», enquanto que na de Mavrogordato, igualmente recaindo no espaço, era apenas indiciada fonicamente, «to another [...], to other». Ora, o que está em causa no poema de Kavafis não é o objecto mas sim a acção do sujeito; na versão portuguesa de Magalhães e Pratsinis, lê-se: «Disseste: 'Vou partir para outra terra, vou partir para outro mar.» Próxima do texto de partida, na elocução inicial, na simulação de uma interlocução, e na ênfase dada à acção do sujeito, esta versão segue a mesma lógica das versões inglesas: segundo a de Babel Fish, «You said; I'll go away to another land, I'll go away to another sea», e segundo a de Keeley e Sherrard, «You said: 'I'll go to another country, go to another shore». Refira-se, todavia, que esta última se afasta do original pela escolha de «country» e de «shore», que, de forma evidente, não acompanham a materialidade elementar de «land» e «sea». O aparente literalismo de «earth» contrariaria, obviamente, essa materialidade elementar enunciada em «land». Já a primeira, a de Fish, atribui uma ênfase excessiva à distância, «away».

Poder-se-á colocar a questão de saber qual a versão mais «poética», ou, prosaicamente, mais «bonita». Penso, todavia, que esta é uma falsa questão, já que assenta numa deturpação nítida do efeito poético conseguido no texto de partida. Durrell escreveu: «You tell yourself I'll be gone / To some other land,

«Alexandria, revendo a(s) 'Cidade(s)' de Kavafis

some other sea, / To a city lovelier far than this / Could ever have been or hoped to be» Apesar da força destes versos, é, todavia, na versão de Rae Dalven, «You said, 'I will go to another land, I will go to another sea,' / Another city will be found, better than this» que se reconhece a maior proximidade do efeito poético original, como sucede, aliás, na portuguesa: «Disseste: 'Vou partir para outra terra, vou partir para outro mar. / Uma outra cidade melhor do que esta encontrar-se-á.»

Quando progredimos na leitura deste poema, e transitamos para a segunda estrofe, constatamos que a questão colocada pela presença ou ausência dos dois pontos não é, afinal, tão irrelevante quanto possa, à partida, parecer. De facto, no final da primeira estrofe, as aspas abertas após os dois pontos iniciais, fecham-se, o que significa que o poema é sustentado pela discursividade declarativa inerente à estrutura dramática. Deste modo, há uma voz, uma *persona*, que se silencia naquele instante, naquele final da primeira estrofe, para que outra *persona*, identificada com a enunciação do verbo introdutório, entre em cena; e com esta voz é Alexandria, a cidade da inevitável memória que regressa, impondo-se como derradeira presença; a segunda *persona* rectifica o erro, o devaneio daquela que afirmava a possibilidade de, algures, haver uma ... «Byzantium», diria Yeats.

Independentemente da arbitrariedade ou da tentativa da sua ausência, a estas «traições» devemos muito, pois é graças a elas que a poesia de Kavafis nos põe a pensar, ou, se quisermos recorrer a uma expressão que Jorge de Sena utilizou, referindo-se aos poetas ingleses, nos põe a «especular emocionalmente». As traições enviam-nos, afinal, para a leitura da poesia. É por isso que, em tributo a todos eles, e a Kavafis e a Sena em particular, concluo propondo-vos a leitura da versão deste poema concebida por Magalhães e Pratsinis:

«A Cidade

Disseste: 'Vou partir para outra terra, vou partir para outro mar.  
Uma outra cidade melhor do que esta encontrar-se-á.  
Cada esforço meu um malogro escrito está;  
e é — como morto — enterrado o meu coração.  
A minha mente até quando irá ficar nesta estagnação.  
Para onde quer que eu olhe, para onde quer que fite por aí  
ruínas negras da minha vida vejo aqui,  
onde tantos anos passei e dizimei e dei em estragar'.

*Mário Avelar*

Lugares novos não vais encontrar, não encontrarás outros mares.  
A cidade seguir-te-á. De volta pelos caminhos errarás  
os mesmos. E nos bairros os mesmos envelhecerás;  
e dentro destas mesmas casas cobrir-te-ás de cãs.  
Sempre a esta cidade chegarás. Para os noutra parte — esperanças vãs —  
não há barco para ti, não há partida.  
Assim como dizimaste aqui a tua vida  
neste pequeno recanto, em toda a terra a vi estragares.»  
(Magalhães e Pratsinis, 1994, p. 25)

#### OBRAS REFERIDAS

- ACIMAN, André, «The City, the Spirit, and the Letter: On Translating Cavafy»,  
*web site* (consultado 05/04/29)
- CATTAUI, Georges, *Constantin Cavafy*, Paris, Seghers, 1964.
- HAAG, Michael, *Alexandria, City of Memory*, New Haven and London, Yale  
University Press, 2004.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel e Nikos Pratsinis, *Poemas e Prosas –  
Konstandinos Kavafis*, Lisboa, Relógio d' Água, 1994.
- SENA, Jorge de, *90 e mais quatro poemas - Konstandinos Cavafy*, Lisboa,  
Editorial Inova, 1969.
- VRETOS, Theodore, *Alexandria – City of the Western Mind*, New York,  
The Free Press, 2001.



APÊNDICE

Babel Fish

You said; "I'll go away to another land, I'll go away to another sea,  
A city other will be found better than this.  
My each effort is a condemnation written;  
And is my heart – as dead – buried.  
My mind, until when in this decay will remain?  
Wherever my eye I turn, whatever I see  
Only the black ruins of my life I see here,  
where so many years I passed and ruined and wasted."

New places you will not find, you will not find other seas.  
The city will follow you. In the same streets  
you will return. And in the same neighbourhoods you will age;  
and within the same houses you will turn gray.  
Always in this city you will come. For elsewhere – do not hope –  
There is no boat for you, there is no road.  
As your life you ruined here  
in this tiny corner, in all earth you ruined it.

Rae Dalven

You said, "I will go to another land, I will go to another sea.  
Another city will be found, better than this.  
Every effort of mine is condemned by fate;  
and my heart is-like a corpse-buried.  
How long in this wasteland will my mind remain.  
Wherever I turn my eyes, wherever I may look  
I see the black ruins of my life here,  
where I spent so many years, and ruined and wasted."

*Mário Avelar*

New lands you will not find, you will not find other seas.  
The city will follow you. You will roam the same  
streets. And you will age in the same neighbourhoods;  
in these same houses you will grow gray.  
Always you will arrive in this city. To another land – do not hope –  
there is no ship for you, there is no road.  
As you have ruined your life here  
in this little corner, you have destroyed it in the whole world.

Keeley e Sherrard

You said: “I’ll go to another country, go to another shore,  
find another city better than this one.  
Whatever I try to do is fated to turn out wrong  
and my heart lies buried like something dead.  
How long can I let my mind molder in this place?  
Wherever I turn, wherever I look,  
I see the black ruins of my life, here,  
where I’ve spent so many years, wasted them, destroyed them totally.”

Mavrogordato, “The Town”

You said I’ll go to another land, to other seaways wandering,  
Some other town may yet be found better than this,  
Where every effort of mine is a writ of guiltiness;  
And my heart seems buried like a corpse.  
My mind-How Long is it to be in this decay confined?  
Wherever I turn, whenever I lift my eyes  
The blackening of my life arise,  
Where I have spent so many years spoiling and squandering.  
“You’ll find no other places, no new seas in all your wanderings,

*«Alexandria, revendo a(s) 'Cidade(s)' de Kavafis*

The town will follow you about. You'll range  
In the same streets. In the same suburbs change  
From youth to age; in this same house grow white.  
No hope of another town; this is where you'll always alight.  
There is no road to another, there is no ship  
To take you there As here in this small strip  
You spoiled your life, the whole earth felt your squanderings--“

Lawrence Durrell

You tell yourself I'll be gone  
To some other land, some other sea,  
To a city lovelier far than this  
Could ever have been or hoped to be  
Where every step now tightens the noose:  
A heart in a body buried and out of use:  
How long, how long must I be here  
Confined among these dreary purlieus  
Of the common mind? Wherever now I look  
Black ruins of my life rise into view.  
So many years have I been here  
Spending and squandering, and nothing gained.  
There's no new land, my friend, no  
New sea; for the city will follow you,  
In the same streets you'll wonder endlessly,  
The same mental suburbs slip from youth to age,  
The city is a cage.  
No other places, always this  
Your earthly landfall, and no ship exists  
To take you from yourself. Ah! don't you see  
Just as you've ruined your life in this  
One plot of ground you've ruined its worth  
Everywhere now-over the whole earth?